



A Educomunicação dentro do campo Comunicacional¹

Edna Mércia Bezerra Plácido²

Rosildo Raimundo de Britto³

Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB

RESUMO

Construído a partir de uma perspectiva inter e multidisciplinar, o Campo da Comunicação vem se configurando, desde o início do século XX, como uma instigante área de estudos marcada, sobretudo, por uma série de conflitos epistemológicos e mudanças paradigmáticas. Esse fenômeno serviu de base para o desenvolvimento desta pesquisa, que tem como objetivo principal traçar um panorama acerca das transformações que vem problematizando esta área do conhecimento humano e social, analisando em especial, a Educomunicação, na qualidade de um novo paradigma do pensamento comunicacional contemporâneo, traçado a partir da interface comunicação e educação.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; paradigmas; educomunicação; educação.

É sabido, que o campo da comunicação enfrenta construções e quebras de paradigmas desde seu aparecimento enquanto área de saber específico. Deveras compreensíveis e calculáveis ao se tratar da construção epistemológica, prática e reflexiva de um campo marcado pela falta de consenso entre os pesquisadores e pelo regime tecnicista empregado inicialmente, que continua a ser visto até os dias atuais, decorrente, sobretudo, da forte intervenção dos aparatos tecnológicos comunicacionais na sociedade moderna. Com isso, os principais objetivos desse trabalho foram estudar as formas de contribuição da Educomunicação para a quebra de paradigmas do campo da Comunicação e contribuir para uma maior reflexão epistemológica sobre o campo da Educomunicação.

Comunicação, as novas tecnologias e a mudança de paradigmas.

Com as mudanças paradigmáticas sofridas pelo campo da Comunicação nas últimas décadas, propiciadas principalmente pelo advento das novas tecnologias de informação e comunicação, correram diversas ressignificações nesta área do saber científico. A exemplo

¹ Trabalho apresentado no IJ 6 – Interfaces Comunicacionais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de junho de 2015.

² Graduada em Comunicação da UFCG, email: edna_placido@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da UFCG, email: rosildojornalista@hotmail.com



pode-se citar, a rapidez da disseminação da informação, que acarretou os anseios da sociedade em tornar os meios de comunicação de massa, mais participativos e interativos, com o intuito de atender a sociedade moderna, cada vez mais conectada e informatizada. Pois, se principalmente antes do advento da internet os meios de comunicação de massa eram os únicos disseminadores e detentores da informação, atualmente, qualquer cidadão que possua minimamente um aparelho de celular como câmera filmadora pode noticiar um fato e disseminá-lo na internet. Entretanto, não se discutirá aqui, questões como qualidade da notícia ou se, se pode chamar qualquer texto que possua o intuito de informar de notícia.

Com essas premissas, podem-se ressaltar mudanças paradigmáticas importantes como o desvincilhamento das ideias pessimistas apresentadas pelas escolas de Chicago e Frankfurt, que nortearam as pesquisas e o direcionamento dos estudos de Comunicação no século XX. Hoje, se relativizam os conceitos criados por essas escolas e suas teorias a respeito da comunicação de massa, no que cerne à influência negativa e avassaladora dos meios de comunicação na sociedade. Nesse contexto, as teorias que apontam a alienação absoluta pela mídia estão se tornando rebuscadas e obsoletas, sendo refutadas por vários pesquisadores. Como aborda Moran (2003), o problema maior não deve se centrar no que a mídia está fazendo de nós, mais sim, no que nós estamos fazendo da mídia. Conforme aponta o autor, os estudos nesse sentido, não devem se fixar apenas na criação e emissão das mensagens midiáticas, mas também, na ressignificação que o receptor emprega as mensagens. Dessa forma, entende-se que a sociedade não é apenas passiva e inerte, e que o ser humano é capaz de dissociar o real do imaginário.

Na contemporaneidade, é inegável o papel da informação gerada pelas diversas mídias no desenvolvimento social e econômico mundial. Quando se fala em tecnologias comunicacionais, logo, remete-se aos meios de difusão massivos, rádio, televisão, mídias impressas e, é claro, a internet. Tais veículos de difusão e compartilhamento de informações estão no centro das relações sociais e econômicas, e representam hoje para muitos autores, como Milton Santos (2001), a mais significativa mudança social pela qual a humanidade atravessa. Analisando o advento das novas tecnologias, Santaella (2007) enfatiza as excludentes modificações na sociedade e pontua a influência da mesma, na construção do conhecimento humano. A autora reforça ainda, que o conhecimento científico multiplicou-se nas últimas décadas, e que a cada dia surgem novos avanços na área das telecomunicações, na biotecnologia, na computação e em diversas outras esferas. Em seu artigo intitulado *Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós humano*, Santaella (2007) aborda o desenvolvimento daquilo que ela denomina de cultura das mídias e traz discussões



importantes a respeito dessa nova cultura que propicia mudanças significativas na sociedade.

Com isso, a autora destaca que:

(...) não devemos cair no equívoco de julgar que as transformações culturais são devidas apenas ao advento de novas tecnologias e novos meios de comunicação e cultura. São, isto sim, os tipos de signos que circulam nesses meios, os tipos de mensagens e processos de comunicação que neles se engendram os verdadeiros responsáveis não só por moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais (SANTAELLA, 2007, p. 42).

Assim, percebe-se que a questão em torno da problemática do poder de influência dos meios de comunicação, não diz respeito apenas a criação e a disseminação da informação, mas aos fins, ou seja, o processo de recepção e apropriação das mensagens. Santaella (2007), enfatiza que o direcionamento dos estudos e pesquisas modernos em torno da comunicação, centram-se prioritariamente nas mídias, nos canais de transmissão da informação, neste caso, desviando o foco que deveria se centrar nos processos de comunicação e suas formas de modificação do meio sociocultural. E é nessa direção que parecem convergir os novos paradigmas comunicacionais focados no processo em si, ou seja, na forma como os sujeitos estão se ambientando socialmente a partir da interação comunicacional via uso das novas mídias.

Em se tratando da cultura das mídias, os estudos que envolvem essa temática, já vêm ganhando enfoque dos pesquisadores desde meados do século passado. Barbero (1986) abordava o assunto sem usar a nomenclatura cultura das mídias, porém, apresentava preocupações bem atuais que apontavam para as modificações socioculturais promovidas pela mídia, pode-se citar seu livro *De los Medios a las Mediaciones* como uma obra importante para os Estudos Culturais. Assim como Santaella, o autor propõe um estudo das novas tecnologias, não focadas em si mesmas, mas nas formas de acesso, de aquisição, correlacionadas aos processos de imposição e dependências, de dominação e resistências. Com esses pressupostos, ver-se uma regularidade nos discursos dos autores, mesmo estando em momentos históricos diferentes, culminam numa mesma perspectiva, da necessidade de uma mudança paradigmática do campo da Comunicação. Barbero pontua ainda que:

Trata-se do início de uma nova configuração cultural, de uma rearticulação das identidades a partir de uma racionalidade tecnológica que se constitui no motor do projeto de uma nova sociedade (BARBERO, 1986, p. 123).

A cultura das mídias para Santaella (2007), propiciou a saída da sociedade de um estado inerte, onde só era possível receber as mensagens impostas, sem muitas possibilidades de busca e escolha, tanto da informação quanto do entretenimento. A inserção das NTIC'S na sociedade transformou os processos de recepção e agregou um novo significado ao saber



comunicacional, ou seja, o receptor passou a fazer parte do processo de escolha das mensagens recebidas. Os filmes puderam ser escolhidos nas locadoras, o surgimento da televisão a cabo, possibilitou maiores opções de conteúdos televisivos, entre outros fatores. De forma direta ou indireta, a cultura das mídias apresentada, está relacionada ao processo de distribuição da informação pelo mundo, nesse sentido, o local se torna mundial e o mundial se encaixa no local.

Essas transformações da comunicação ao longo do tempo, são abordadas no livro *Por uma outra globalização* do geógrafo Milton Santos (2001), onde o autor apresenta a comunicação com um dos fatores que propiciaram a disseminação da globalização. Desse modo, comunicação e globalização se tornaram processos indissociáveis. A globalização uniformizou a sociedade e massificou os padrões, o conhecimento e os costumes. Nesse sentido, é impreterível associar o “boom” da globalização ao desenvolvimento tecnológico que inicialmente pregava a possibilidade da informatização de todos. Bem se sabe que não é dessa forma que a realidade se apresenta. E foi nesse ensejo de desigualdades que surgiram as reivindicações pela cidadania e pelo pertencimento local em detrimento do global. Sob a perspectiva da influência das novas tecnologias no processo de globalização Milton Santos (2001) vê essa relação da seguinte forma:

Estamos diante de um novo "encantamento do mundo", no qual o discurso e a retórica são o princípio e o fim. Esse imperativo e essa onipresença da informação são insidiosos, já que a informação atual tem dois rostos, um pelo qual ela busca instruir, e um outro, pelo qual ela busca convencer (SANTOS, 2001, p. 39).

São inegáveis as proporções que as novas tecnologias tomaram no mundo contemporâneo. Deixar-se-á de lado o fator “dominador” que por muitas vezes se emprega, e usar-se-á o “transformador”, de costumes e das relações interpessoais.

As novas tecnologias possibilitam a construção de uma malha de conexão entre áreas do conhecimento distintas e a criação de uma dimensão por onde transitam ideias e conceitos díspares, permitindo a humanidade vivenciar novas experiências no saber, no fazer, no sentir (SARTORI, et. al., p. 2).

Assim, reforça-se o papel transformador da comunicação do século XX e mais enfaticamente no século XXI. A onipresença dos meios de comunicação na vida social acarretou mudanças em vários segmentos sociais e em diversas esferas do saber. A comunicação, se expandiu para esferas formais do conhecimento. Nesse sentido, além de áreas com as quais tradicionalmente mantém um vínculo, tais como a Sociologia, Filosofia, Psicologia, além dessas, a comunicação converge para o campo da educação, face à forte penetração das novas mídias nos espaços formais e informais da educação.



Comunicação e educação

A comunicação desde seu surgimento caracterizou-se por sua ordem transdisciplinar. Portanto, atualmente esse fator pode ser percebido por meio das relações entre comunicação, novas tecnologias e educação, que se configura como um dos fenômenos sociais mais estudados dentro do campo da comunicação e da educação. As pesquisas que se baseiam nessa interface, se apresentam com denominações diversas, como “mídia-educação”, “comunicação/educação” e “educomunicação”. Porém, as nomenclaturas diferenciadas apresentam significados semelhantes, que pregam uma comunicação mais educativa, participativa, uma recepção crítica das mensagens produzidas pelos meios de comunicação de massa e dentre outros aspectos.

Nesse contexto, os pesquisadores que encabeçaram os estudos da interface educação/comunicação, na América Latina foram os teóricos Célestin Freinet, Paulo Freire, Jesús Martín-Barbero e Mário Kaplún e mais recentemente Ismar de Oliveira Soares. As relações da comunicação com o campo da educação e vice versa se destacam como o segmento do campo que mais ganhou força e se expandiu nas últimas décadas.

A relação entre esses dois campos é complexa e se configura como uma nova vertente dos estudos de comunicação. Vale ressaltar que, essa nova linha de estudos não trata apenas da inserção das novas tecnologias no ambiente escolar. A relação entre comunicação e educação vai muito além e se configura pelo estabelecimento da comunicação como formadora de saber e que em relação com outros campos possa gerar conhecimento legítimo. Nesse sentido, Baccega (2000- 2001) afirma que:

O encontro comunicação/educação leva a nova metassignificação, ressemantizando os sentidos, exigindo, cada vez mais, a capacidade de pensar criticamente a realidade, de conseguir relacionar informação (disponível em número cada vez maior graças à tecnologia, Internet, por exemplo) e de inter-relacionar conhecimentos (BACCEGA, 2000-2001, p, 21).

A comunicação para muitos pesquisadores tem o poder de selecionar o que a sociedade tem acesso e induzi-la à conclusões, mas, para Baccega (2000- 2001) ao longo do tempo ela assumiu o papel de educadora, antes dominado prioritariamente pela escola. Como dito antes, a questão não é apenas inserir as novas tecnologias no ambiente escolar, trata-se da “inclusão de temas como mediações, criticidade, informação e conhecimento, circulação das formas simbólicas, ressignificação da escola e do professor, recepção, entre muitos outros” (BACCEGA, 2000- 2001, p. 21). A questão não é mais de dever ou não utilizar os meios de comunicação na educação, por que eles já fazem parte do processo educativo, ou mesmo de



como utilizar estratégias para trabalhar com os meios midiáticos. Trata-se de compreender que os meios de comunicação já se enquadram como formadores, e não apenas dos educandos, mas, dos professores, dos pais e de todos os agentes que trabalham com o processo de formação do conhecimento.

Mesmo em uma época que as relações entre comunicação e educação não possuíam grande enfoque no âmbito científico, Paulo Freire já abordava essa temática. Em um capítulo do seu livro *Comunicação ou Extensão?* O educador trata da problemática do “comunicar” no qual explica a relevância da comunicação nos processos educativos e sociais. Para ele: “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1983, p. 46). Ao abordar a comunicação e a educação pela perspectiva dialógica, Freire ampliou o sentido e a compreensão em torno dessa inter-relação.

Sobre a inserção das novas tecnologias na sociedade e na educação formal, Orozco (2002) reflete que a questão não é apenas garantir o acesso e proporcionar o uso dessas novas tecnologias. Segundo ele, deve acontecer imprescindivelmente uma consciência crítica por parte dos usuários. O que se requer não é o acesso pelo acesso, por que se assim for, não existirá mudança em nenhum segmento social.

O que estamos requerendo, sobretudo nos países consumidores, não produtores de novas tecnologias, como os latino-americanos, é uma série de estratégias que permitam a nossas sociedades aproveitar o potencial da tecnologia para nossos próprios fins e de acordo com as nossas peculiaridades culturais, científicas e tecnológicas (OROZCO, 2002, p. 58).

Com esses apontamentos, fica claro que tratar da relação entre comunicação, novas tecnologias e educação, requer cautela e ao mesmo tempo ousadia. Com relação às discussões sobre as mudanças na educação formal, Orozco (2002) pontua que, a escola deixa de ser o único espaço depositário do conhecimento, para a aplicação dessa nova pedagogia. Orozco (2002) propõe que:

A escola, em uma nova perspectiva, (...) teria que se transformar em um centro de reconhecimento e articulação de múltiplos conhecimentos e informações que circulam usualmente, para orientar os educandos sobre a forma de como associá-los para seus fins de aprendizado (OROZCO, 2002, p. 68).

Com relação a esses pressupostos, o autor Jesús Martín Barbero (2000), aponta que o modelo de educação atual ainda é vertical e autoritária na relação entre professor e aluno. E que o sistema educativo necessita de uma significativa mudança quanto ao modelo pedagógico sequencial. Sobre a inserção das tecnologias no espaço educativo formal, o autor ressalta que as tecnologias não serão individualmente as salvadoras de uma educação “bancária” e verticalizada. Neste ponto apresenta-se uma relação e concordância das ideias de



Barbero (2000) e Orozco (2002) quando apontam que, para que existam mudanças realmente significativas com a inserção das tecnologias nos espaços educativos, é necessário que antes se transforme a pedagogia fechada e introspectiva escolar. E que as relações entre aluno-professor-escola e comunidade se tornem mais plurais e interligadas.

A partir das premissas apresentadas, vê-se que os diversos autores citados, mesmo de lugares diferentes do saber, convergem seus estudos para uma mesma problematização. O surgimento de novos campos que trabalham os preceitos da comunicação sob a égide de uma nova epistemologia. Portanto, aqui tratar-se-á da Educomunicação, que trabalha na interface comunicação/educação e novas mídias, na intenção de formar cidadãos críticos frente os meios de comunicação de massa e de propiciar a participação dos mesmos no processo de construção das mensagens.

A Educomunicação: um campo emergente

As rupturas e mudanças, transições e/ou recomposições, pelas quais passa a comunicação social, motivadas dentre outros aspectos pelas mediações tecnológicas, estão contribuindo de maneira contundente para o surgimento de novos paradigmas no campo da Comunicação. Trata-se aqui, vale ressaltar, de uma dinâmica comum do conhecimento científico cujo saber está em contínuo processo de (re) construção. Nesse sentido, as mudanças paradigmáticas se tornam um fenômeno constante e necessário, buscando-se desta maneira, uma melhor compreensão da realidade, quando não, das verdades já estabelecidas. É nesse sentido que, conforme defenderam muitos estudiosos os paradigmas tendem a ser rompidos. É o que se observa, por exemplo, no campo da Comunicação a partir da contribuição advinda recentemente deste novo olhar paradigmático intitulado de Educomunicação, que vem se sobressaindo dentre as propostas conceituais da interface comunicação/educação. Dentro desta perspectiva, conforme descreve Messias em seu trabalho intitulado: A educomunicação nas Ciências da Comunicação:

(...) a própria aspiração por revisões científicas nas pesquisas das ciências humanas e sociais leva-nos a colocar, afora a etimologia, a Educomunicação como sendo a própria figuração do rompimento de paradigmas, uma vez que a pedagogia encontra, assim, mais elementos de uma constituição teórica contemporânea de comunicação, e a própria comunicação, revista, acrescenta elementos pedagógicos em sua constituição enquanto processo (MESSIAS, 2009, p. 7).

Vale ressaltar, que essa mudança paradigmática no campo da Comunicação, atrelando-a a educação envolve uma discussão em torno da democratização da Comunicação na sociedade, destacando a necessidade de empoderamento do sujeito a partir do processo comunicacional. Nesse sentido, Kaplún (2002) aponta que:



Un dato, un aspecto de la realidad, puede ser indispensable para que el grupo avance. Y el educador (o el comunicador) no debe dejar de aportarlo. Pero esa información debe responder a una previa problematización: a una necesidad que el grupo siente, a unas preguntas que este se formula, a una búsqueda a una inquietud. (...) Porque sólo así el grupo la incorporará, la hará suya (KAPLÚN, 2002, p. 50).¹

Com relação à importância de uma comunicação mais democrática para os processos educativos, Kaplún pontua que:

Una comunicación social democrática y eficaz ha de estar al servicio de un proceso educativo transformador, en el cual los sujetos destinatarios vayan comprendiendo críticamente su realidad y adquiriendo instrumentos para transformarla (KAPLÚN, 2002, p. 61).²

As pesquisas sobre a interface comunicação e educação são advindas de várias localidades e possuem diversas nomenclaturas, e apesar de seguirem as mesmas bases teóricas nem sempre utilizam a nomenclatura educomunicação trabalhada aqui. O primeiro pesquisador a utilizar o termo educomunicação foi Mario Kapún há cerca de 30 anos. O autor uruguaio passou a utilizar essa denominação para se referir aos estudos da comunicação/educação. No momento em que o termo surgiu o cenário era muito diferente do atual, a comunicação estava restrita as mídias tradicionais, como a televisão, o rádio, revistas e jornais. A revolução nas telecomunicações, conferiu significações novas e o termo educomunicação passou a ganhar mais enfoque.

É segundo esta ótica, que um considerável número de trabalhos científicos vem sendo publicados dentro da linha de pesquisa na interface comunicação/educação, com enfoque no paradigma educacional. Messias (2009), realizou um estudo sobre o número de trabalhos científicos realizados na linha de pesquisa da Educomunicação. A pesquisa foi realizada de 2009 a 2010 com base no sistema de dissertações e teses da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, O Rebeca. O levantamento resultou nos seguintes dados:

(...) em março de 2009, 64 objetos relacionados a Educomunicação e comunicação/educação até o ano vigente. O primeiro item a integrar o sistema data de 1979, com uma dissertação de mestrado envolvendo tais assuntos/palavras-chave. Depois veio a primeira tese de doutorado, em 1987. Dois anos depois, uma livre-docência (MESSIAS, 2009, p. 9).

¹Uma coisa, um aspecto da realidade, pode ser indispensável para que o grupo avance. E o professor (ou o comunicador) não deve parar de aportarlo. Mas essa informação deve responder a uma problematização anterior: a necessidade de que o grupo sente, a algumas questões que é formulado, a uma busca, a uma inquietação. (...) Porque só assim o grupo à incorporará, à fará sua (KAPLÚN, 2002, p. 61).

²A comunicação social, democrática e eficaz deve ser empregado por uma educação transformador Processo, em que os sujeitos destinatários criticamente compreendendo realidade e aquisição de ferramentas para transformar (KAPLÚN, 2002, p. 61).



Considerado o principal pesquisador e autor de trabalhos sobre a educomunicação no Brasil, Ismar de Oliveira Soares vê a educomunicação como:

Como um campo de ação emergente na interface entre os tradicionais campos da educação e da comunicação, apresenta-se hoje como um excelente caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressão de todos os seguimentos humanos, especialmente da infância e da juventude (SOARES 2011, p. 15).

Ecosistema comunicativo

Para tratar desse pretense novo campo que surge no âmbito da Comunicação Social e da Educação, deve-se compreender o chamado ecossistema comunicativo apresentado por vários pesquisadores dessas duas áreas. O primeiro pesquisador que relacionou esse novo *sensorium* foi, Walter Benjamin (1982), segundo Martín-Barbero e Sartori, et. al.. O mesmo tratava das transformações promovidas na cultura pelas novas tecnologias da informação e comunicação.

Ao tratar desse ecossistema, Barbero (2000) o delinea como um desafio que move a sociedade, e que está se tornando tão vital como o ecossistema verde, ambiental. A relação da sociedade com as novas tecnologias é o fator que concebe esse ecossistema, na medida em que a internet possibilita as mais variáveis relações com as mais diversas pessoas, e que os cartões de crédito substituem o dinheiro e criam a ideia falsa de poder adquirir tudo sem culpas. Para Barbero os mais afetados nesse processo são os jovens, que são cognitivamente mais “ligados” as tecnologias. Outra esfera crucial da sociedade que foi afetado por esse ecossistema é o saber, nesse sentido Barbero destaca que:

(...) uma transformação nos modos de circulação do saber é uma das mais profundas transformações que pode sofrer uma sociedade. E é aí que (...) configura o ecossistema comunicativo no qual estamos imersos: o saber é disperso e fragmentado e pode circular fora dos lugares sagrados nos quais antes estava circunscrito e longe das figuras sociais que antes os administravam (BARBERO, 2000, p. 55).

Alguns estudiosos atribuem a esse ecossistema comunicativo, um novo tipo de tecnicidade que surge no lugar que a cultura passou a ocupar na sociedade da informação. Soares e Barbero seguem essa linha de raciocínio, e Barbero define a tecnicidade como um elemento estruturante da cultura e vê essa questão como um novo objeto de pesquisa. Em concordância com os estudos de Barbero, Soares faz o seguinte apontamento:

A sociedade da informação passou a significar a colocação em marcha de um processo de interconexão em nível mundial, unindo tudo o que informacionalmente tem valor – empresas e instituições, povos e indivíduos (...). Estaríamos, assim, adiante da mais profunda reorganização dos centros de poder que emprestam valor ao que hoje entendemos como mundo (SOARES, 2010, p. 63).



A partir desses pressupostos, surge outra preocupação dos autores em relação a como inserir um ecossistema comunicativo nas escolas, que ao mesmo tempo englobe experiências culturais heterogêneas e as novas tecnologias da informação e comunicação, preservando o processo de aprendizagem e seu encanto (BARBERO, 2000). Sartori, et. al. faz uma abordagem pertinente entorno das discussões sobre educomunicação, ao ressaltar as contribuições de Ismar de Oliveira Soares na definição de ecossistemas comunicativos, segundo as autoras, Soares (1999) aborda essa temática sob um aspecto mais amplo e com uma perspectiva educacional. Nesse caso, o autor reforça o substrato comum que é a ação comunicativa no espaço educativo e insere o conceito na gestão comunicativa, onde observa a organização do ambiente no todo, da estrutura aos sujeitos envolvidos numa espécie de educação comunicacional.

As pesquisas em educomunicação

Em relação aos apontamentos já apresentados sobre a mudança paradigmática do campo da comunicação e do desenvolvimento de um novo campo de estudos, que se caracteriza principalmente na interface comunicação/educação propiciada pelas novas tecnologias, é de primária importância que se apresente mais enfaticamente as pesquisas que apontam para esse novo paradigma que é a educomunicação.

Ismar de Oliveira Soares que no momento é o pesquisador brasileiro que possui mais destaque na área da Educomunicação, em seu artigo intitulado “Gestão comunicativa e educação: caminhos para a educomunicação”, apresenta fatos históricos recentes na América Latina que para ele importam um novo olhar no campo que envolve a inter-relação comunicação/tecnologias da informação/educação. Segundo o autor, na Venezuela, o Congresso Nacional aprovou o Estatuto da Criança e do Adolescente com artigos que garantem as crianças e aos jovens a expressão, além de implementar na educação uma pedagogia que trabalhe com a análise e recepção crítica dos meios de comunicação.

Ainda segundo Soares (2002), em Cumbaya, no Equador, representantes das escolas Congregação Salesiana tinham entre suas metas a implantação de gestão comunicativa. Já no Brasil, em São Paulo, a Secretaria de Educação do município dava início a um projeto que se caracteriza hoje, como um dos maiores projetos implementados na área da educomunicação no Brasil, que é a Educomunicação pelas ondas do rádio (Educom.rádio). Soares pontua que “nos três casos a educação para a comunicação, o uso das tecnologias na educação e a gestão comunicativa transforma-se em objeto de políticas educacionais, sob a denominação comum



de educomunicação” (SOARES, 2002, p. 16). Os elementos citados se configuram hoje como o tripé da formação da Educomunicação.

Os estudos em torno da emergência de um novo campo que atua na interface comunicação/educação voltado para a criação de ecossistemas comunicativos na educação, têm como principal referência no Brasil o Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP. Em se tratando dos contribuidores e das pesquisas que envolvem esse o novo paradigma que se instaurou no campo da Comunicação, observam as contribuições da revista Comunicação & Educação do curso de Gestão da Comunicação do Departamento de Comunicação e Arte da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, que já possui 15 anos de atuação no mercado e se configura como a maior referência para pesquisas na área de comunicação/educação. Soares (2009) aborda a as questões que incitaram a criação da revista, e destaca que:

A convicção de seus promotores residia na perspectiva de que uma abertura da área da comunicação para um diálogo fecundo com o setor educativo viria facilitar, ao longo de um período de tempo, a renovação de referenciais e procedimentais do *modus operandi* dos dois campos envolvidos no processo: o da comunicação e o da educação (SOARES, 2009, p. 8).

Um ponto importante a se ressaltar, quanto à relevância da revista Comunicação & Educação, é o fato de se tratar de uma produção estritamente acadêmica que surge no espaço da universidade, focada nas discussões sobre o campo emergente da comunicação/educação e/ou educomunicação. Foi a partir das publicações das diversas edições da revista Comunicação & Educação que o termo e conceito da educomunicação passou a circular no universo acadêmico-científico brasileiro. Nesse sentido, Soares define a educomunicação como:

O conjunto de ações de caráter multidisciplinar voltadas ao planejamento e à implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos nos distintos espaços educativos – dos não formais aos formais -, de forma a garantir condições de expressão a todos os membros das comunidades educativas, envolvendo, em igualdade de condições, gestores, comunicadores, ensinantes, receptores e educandos, especialmente crianças, adolescentes e jovens (SOARES, 2009, p. 10).

Saindo do foco da América Latina, o autor destaca as pesquisas sobre educomunicação nos Estados Unidos, pontuando que:

No caso específico dos Estados Unidos, observamos que o presumível campo da Educomunicação passa por duas áreas de intervenção sócio-político-cultural que abrangem fundamentalmente dois tópicos ou subáreas: as *mediações Tecnológicas nos espaços educativos*, - que apontam para a necessidade de preparar professores e estudantes para usufruir dos novos recursos e usá-los adequadamente, tanto nos processos de ensino-aprendizagem quanto nas atividades voltadas a ampliar o campo da



expressividade das novas gerações (*infomation literacy*) – e a denominação educação frente aos meios de comunicação, preocupada com o impacto do sistema de meios sobre crianças e adolescentes (*media literacy*) (SOARES, 2002, p. 18).

Sobre as pesquisas e projetos implantados nos EUA com as características da educomunicação, é notável a importância dos estudos e práticas que também servem de parâmetro para outras pesquisas. Com relação ainda, às pesquisas na América Latina, Soares (2002) pontua as contribuições de Jesús Martín-Barbero sobre a gestão da comunicação nos espaços comunicacionais, que corresponde aos já citados ecossistemas comunicativos. Outro ponto destacado pelo autor quanto às pesquisas na área da educomunicação é o que se denomina mediação tecnológica na educação, linha que possui grande enfoque no que cerne às pesquisas sobre o novo campo do saber. Nesse sentido Soares (2002) aponta que:

O capítulo mais em evidência no campo da Educomunicação, neste momento, tanto nos Estados Unidos quanto na América Latina, é o que denominamos como *mediação tecnológica na educação*. Este campo de estudos contempla o estudo das mudanças decorrentes da incidência das inovações tecnológicas no cotidiano das pessoas e grupos sociais, assim como o uso das ferramentas da informação nos processos educativos, sejam os presenciais sejam os à distância (SOARES, 2002, p. 18).

Outra linha de estudos que se evidencia no campo da Educomunicação é a “Comunicação para a Educação”, que engloba os estudos de recepção e enfoca as relações entre os participantes do processo de comunicação, “relação entre os produtores, o processo produtivo e a recepção das mensagens, assim como, no campo pedagógico, para os programas de formação dos receptores autônomos e críticos frente aos meios” (SOARES, 2002, p. 21).

O papel do Educomunicador

Orozco (2002) aponta que numa relação adequada entre as novas tecnologias e a educação, o papel desse novo comunicador é múltiplo. O desafio principal do comunicador do século XXI seria criar uma produção comunicativa visando os sujeitos e não apenas os meios ou as mensagens. Nesse sentido o autor pontua que:

Os comunicadores retroalimentariam os educadores com a informação de tipo comunicacional que se requer para estabelecer o diálogo educativo, a negociação de significados, a apropriação e produção comunicativa através da qual se manifestarão os aprendizados dos sujeitos partícipes nos diversos processos educativos (OROZCO, 2002, p. 69).

Nessa perspectiva, denota-se o papel de mediador desse novo profissional. Com isso Soares (2009) aponta que:



O novo profissional a ser formado é convidado a trabalhar, nesse sentido, com o conceito de ecossistema comunicativo, identificado com os espaços de mediações, em que atuam, confrontam-se ou colaboram entre si, os sujeitos individuais e coletivos (SOARES, 2009, p. 11).

Com relação à atuação desse profissional, Baccega (2009) pontua os desafios do novo profissional frente ao embate com as agências socializadoras tradicionais. O primeiro desafio seria “enfrentar a complexidade da construção do campo comunicação/educação como novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes” (BACCEGA, 2009, p. 21). Um segundo desafio segundo a autora, seria compreender que o campo não se reduz à eterna discussão sobre a utilização correta das tecnologias no âmbito escolar, deve-se avançar na construção do campo como o lugar onde os sentidos se formam e se desviam. Sob a ótica de Messias (2009), o papel da Educomunicação é de:

(...) a Educomunicação: 1) integra às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação; 2) cria e fortalece ecossistemas comunicativos em espaços educativos; 3) melhora o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas (MESSIAS, 2009, p. 4).

Diante do exposto, é importante ressaltar que conforme defendem os autores não se deve compreender o papel da educomunicação como sinônimo de “Tecnologias da Educação”, “Tecnologias da Informação e Comunicação”, no entanto, a escola se apresenta como um local de aprendizagem e que está apta a implantar os conceitos da educomunicação.

Por fim, pelo que se pode perceber, enquanto novo paradigma emergente do campo da Comunicação Social, a educomunicação se apresenta como uma nova vertente reflexiva a partir da qual tenta-se compreender e ressignificar o processo comunicacional na sociedade atual. Nesse sentido, conforme defendem os autores, trata-se de uma proposta epistemológica pautada nos diversos aspectos que envolvem a interface comunicação/educação, trazendo como filosofia a comunicação participativa, a cidadania, o uso das tecnologias como facilitadora dos processos educacionais, a recepção crítica dos meios de comunicação de massa, entre outros aspectos.

A partir da análise de algumas das principais obras e autores que tratam da problemática em questão, realizadas no decorrer do presente trabalho, pôde-se observar que com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação, registrado em especial no século XXI, o Campo da Comunicação tornou-se ainda mais complexo, heterogêneo e desafiante, englobando, para além das mídias em si, um olhar sobre a forma de relacionamento dos sujeitos com estas. O foco passa a ser o processo de mediação e recepção, e não estritamente as mídias e a emissão de mensagens.

Assim, destaca-se a relevância da Educomunicação como um novo paradigma que aparece atrelado a uma área de discussões epistemológicas permeadas por (re) configurações



e que se apresenta cada vez mais multi e transdisciplinar. Com isso, a Educomunicação vem se consolidando como um novo campo do saber comunicacional, o qual vai ao encontro de vários anseios e discussões conceituais envolvendo comunicação, educação, cultura e cidadania. É especialmente, a partir das diversas nuances em torno da relação entre comunicação, educação, novas mídias e a sociedade que este novo olhar parece se agigantar.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. **A construção do campo, comunicação/educação: alguns caminhos.** Revista USP, São Paulo, n.48, p. 18-31, dezembro/fevereiro, 2000-2001.

_____. **Comunicação/educação e a construção de uma nova variável histórica.** Revista Comunicação & Educação – Ano XIV – n. 3. set/dez 2009.

BARBERO, Jesus Martín. **Desafios culturais da comunicação à educação.** Comunicação & Educação, São Paulo, [181 : 5 1 a 6 1, maio/ago. 2000.

_____. **Identidade tecnológica e alteridade cultural.** São Paulo: Summus: Intercom, 1986.

_____. **De los medios a las mediaciones, comunicación cultura e hegemonia.** Barcelona: G.G. Mass Media, 1987.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. **Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI.** 2002. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4520/4243> acessado em 09-08-2014.

_____. **Comunicação Social e mudanças tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos.**

MATTOS, Ângela Maria. **Intermitências Epistêmicas da Comunicação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MORAN, Edgar. **A comunicação pelo meio (teoria complexa da comunicação).** Famecos, Porto Alegre, nº 20. Abril 2003. Quadrimestral.

SANTAELLA, Lúcia. **Pós-humano por quê?** Revista USP, São Paulo, n.74, p. 126-137, junho/agosto 2007. Disponível em:



<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4520/4243> acessado em 05-08-2014.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização, do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SARTORI, Ademilde Silveira; SOARES, Maria Salete Prado. **Concepção dialógica e as NTIC: a educomunicação e os ecossistemas comunicativos**.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Gestão Comunicativa e Educação: caminhos da educomunicação**. Comunicação & Educação, São Paulo, [23]: 13 a 15, jan./abril. 2002.

_____. **Educomunicação e terceiro entorno: diálogos com Galimbert, Echeverría e Martín-Barbero**. Comunicação & Educação, São Paulo – Ano XV – n. 3 – set/dez. 2010.

_____. **A contribuição da revista Comunicação & Educação para a criação da Licenciatura em Educomunicação**. Comunicação & Educação, São Paulo – Ano XIV – n. 3 – set/dez. 2009.

_____. **Educomunicação o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.